

JOAQUIM PESTANA

Pelo P.º Eduardo C. N. Pereira

O laconismo sempre observado acerca da personalidade de Joaquim Pestana, e a errada efeméride sobre a sua morte, frequentemente posta a circular na imprensa local, leva-nos a reproduzir o que deste poeta escrevemos em 1937, em número especial do *Diário da Madeira*, vincando o seu valor literário e moral, acrescido de mais elementos indispensáveis à biografia de quem sobremodo se distinguiu nas Letras e honrou a nossa Ilha.

Considerado dentro da época literária em que viveu, a do Romantismo, Joaquim Pestana foi um dos mais distintos e prolíferos poetas líricos deste Arquipélago. Como poeta do género ultra-romântico, seguiu a Escola do seu fundador A. A. Soares de Passos, filiando-se na corrente do *Novo Trovador*, cujas composições se inspiravam no sentimento e na natureza, e eram repassadas dum lirismo melancólico, saudosista e doentio.

A vasta colaboração em revistas, jornais e almanaques portugueses e brasileiros, tornou Joaquim Pestana conhecido e admirado no nosso país e em todos os Estados do Brasil, criando-se à volta do seu nome uma auréola de fama como ainda não a obteve em vida nenhum poeta ilhéu. A sua colaboração era disputada principalmente por revistas de acentuada orientação católica, e foi através do «Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro», ao tempo uma das mais distintas publicações no género, pela selecção dos seus colaboradores, que tão laureado poeta madeirense conquistou, desde 1870, lisongeiros sim-

patias e palmas de glória em Portugal e países latinos da América do Sul. Assim o confirmam composições de numerosos poetas portugueses, brasileiros, argentinos e cubanos, dum e doutro sexo, e de mais países americanos, dedicadas a Joaquim Pestana e por este reunidas, as melhores, sob o título «Musa Fraternal» que constituiria uma parte do seu prometido livro de versos *Espinhos e Flores*, que deixou manuscrito entre o seu espólio.

Manteve, por isso, Joaquim Pestana, correspondência com pontífices das letras de Portugal e Brasil, homens e mulheres, por solicitação dos mesmos, em cuja manifestação de amizade está o apreço em que era tido o seu talento poético. Alcançou este prestígio um vate que se fez por esforço próprio, sem curso algum literário de instrução média ou superior.

Natural da Vila de Câmara de Lobos, onde nasceu a 24 de Dezembro de 1840, filho de António Pestana e de Genoveva Cândida, ali passou a sua vida modesta, recolhido dentro do seu pensamento e do seu eu, uma vida de ideal, de sonho, ao mesmo tempo que de desalento.

melancolia e saudade. Deste estado psicológico se ressentem todas as composições. Foi também um doente, contribuindo o sofrimento físico para informar o seu estado moral.

Distinguiu-nos, desde criança, com particular amizade o poeta, e com este tratámos até o tempo áureo do seu prestígio literário, conhecendo-o tal qual o descrevemos, impecável de trajar e correcção, postado sempre à porta semicerrada do seu



«Botequim», um estabelecimento de fazendas e papelaria, propriedade de Roque Teixeira de Agrela, a norte da Capela de N.ª S.ª da Conceição, paredes meias com este templo, e n.º 7 da Rua daquela invocação. Da sua condição social fala o testamento de Roque Teixeira de Agrela, apresentado e entregue ao tabelião Joaquim Manso de Sousa, a 16 de Maio de 1881, e arquivado na administração do Concelho do Funchal, como consta da folha 25.ª do Livro XVI, do Registo de Testamentos:

«...Deixo ao meu caixeiro, Joaquim Pestana, filho de António Pestana, a loja onde tenho o meu estabelecimento de Fazendas, na Vila de Câmara de Lobos, bem como a casa por cima da loja, com a declaração de que, continuando ele no mesmo estabelecimento até a hora da minha morte lhe deixo também tudo o que estiver na mesma loja...»

«Empreguei os melhores anos da minha mocidade — escreveu o poeta em nota biográfica a A. Xavier Cordeiro — na vida comercial.»

No «Botequim» passava o dia cavaqueando com os amigos, pessoas das mais gradas da sociedade camaralobense, que lhe tributavam respeito e admiração, e pediam conselho. De pobres e ricos era o epistológrafo encartado, a todos cativando pela solicitude, delicadeza e interesse de bem servir.

Tímido, de andar vacilante e pausado, trajava sempre de preto, sobraçando um inseparável guarda-sol. De faces chupadas, a voz saía-lhe aveludada e em surdina, entrecortadas as frases de pausas e reticências, comprimindo e distendendo os lábios ao falar. Tinha melifluidade e doçura na voz.

Era dum arreigado espírito cristão, o que se conclui da leitura de suas produções, envolvendo quase todas uma invocação à Virgem ou uma prece a Deus, como nesta *Súplica* de 1896:

«Senhor, eu julgo ver, nas horas de agonia,
a imagem que me deu a paz e confiança,
que trouxe ao meu revés a grata melodia
nos hinos da Aliança!...

Depois, emudeceu a lira suspirosa,
minha alma se tornou sem luz, adormecida...
E tudo se perdeu co'a dor angustiada...
na senda prometida!...

Outra prova de convicção religiosa se encontra nestas palavras duma carta particular:

«Eu acho, meu amigo, ser a Bíblia um livro admirável, sublime e divino. É nele que, muitas vezes, vou alentar-me nas dores da vida e dizer com o paciente Job: — *Não vejo em minha vida... senão noites trabalhosas e angustiadas.* Onde encontro outro livro que nos sirva de consolação às lágrimas e amarguras deste mundo? Em nenhum outro. Na ciência, como sabes, só vamos beber a dúvida que nos faz amortecer as doces crenças que nos deram as nossas mães carinhosas e amigas».

Dotado dum carácter austero e impoluto, vivia sòmente para a família e para as letras: a mãe, uma irmã e uma sobrinha; uma biblioteca de cerca de 500 volumes e as suas produções.

Como Molière, não dava à publicidade nenhuma composição sem a ler primeiro em família, durante semanas algumas, outras durante meses e não raras durante anos, a sua mãe; depois de aquela perder, a sua irmã, inseparável e desvelada companheira dos últimos anos e momentos da vida.

Porque «quem casa não pensa, e quem pensa não casa», como ele dizia, manteve-se toda a vida solteiro. Parece que, no entanto, lhe passou no caminho da vida uma Natércia que o poeta amou e foi inspiradora e objecto de inúmeros versos, pois o desalento e, por vezes, a tristeza, manifestados na maioria das composições, revelam não só um profundo abatimento por efeito de padecimentos físicos, mas também claramente uma grande depressão moral consequência duma mal correspondida paixão. Assim se exprime o poeta numa poesia manuscrita intitulada *Nos seus anos*, tão singela e espontânea como ingénua e sincera:

«Oxalá que um dia, ao menos,
No findar da vida a luz,
Possas ver ao pé da Cruz
O teu nome junto ao meu!
Na mudez da fria lousa,
Onde tudo é cinza e pó,
«Gratidão!» ouvirás só,
Porque lá também sou teu!

Pensa e crê; mas deste dia
Lembra o voto que te dei.
A ventura que eu sonhei
No meu sonho de ilusão!...

.»

Numa carta dirigida a um seu amigo dos Açores, Joaquim Pestana dá razão do que acima fica escrito, expresso por estas palavras:

«Por eu viver quase sempre doente é que tenho deixado de escrever-lhe [...] Quem vive isolado no mundo, sem um afecto, doente, que pode esperar de ventura e felicidade? Olhe: a verdadeira felicidade, aquela que eu sempre ambicionei, não foi a ambição das riquezas, mas sim um lar tranquilo e sossegado onde pudesse rever-me na imagem que me entendesse, e que no último sono me cerrasse os olhos com um beijo de amor e de saudade».

Verdadeiramente amante da sua terra natal, Joaquim Pestana foi um devoto propugnador de suas belezas, às quais dedicou um hino que, há mais de meio século, cantam as gerações do Seminário do Bom Despacho, do Funchal, nas suas festas solenes, passeios e digressões; não menos propugnador foi das belezas materiais e do progresso do seu Concelho, pelo que militou, dentro do regime monárquico, na política progressista, sendo-lhe todavia simpáticas as ideias republicanas, segundo se depreende deste rascunho epistolar, de 16 de Março de 1886:

«De política [...] é a mesma gente com diferença de nome. É pena que, um dia, a Madeira não possa levar ao parlamento três nomes distintos, como Arriaga, Latino e Teófilo Braga. O Pedroso tem-se distinguido no Parlamento. É um grande orador e que honra muito o partido republicano».

Em 1904 nutria ainda as mesmas ideias, pois a 23 de Novembro daquele ano, recebia na sua residência do Salto do Cavallo, o 1.º número do *Republicano*, folha clandestina, copiografada, de propaganda democrática, ilustrada com o retrato de Teófilo Braga e redigida no Funchal.

Serviu todavia com lealdade e fé patriótica a Nação na qualidade de vereador do Município de Câmara de Lobos, ajudando a dotar o Concelho de alguns melhoramentos importantes. É da sua iniciativa e proposta camarária a abertura duma rua, prolongamento da Estrada Monumental ou Nacional n.º 23, através do sítio dos Quintais, para descongestionamento da Vila. Não obstante ser reconhecida, desde essa data, a necessidade da nova artéria, nunca ela se fez, emperrada pelas alternativas partidárias de Progressistas e Regeneradores, que se disputavam a primazia dos benefícios locais, ao mesmo tempo que inutilizavam reciprocamente as iniciativas e realizações desses benefícios. Não foi também estranha à dilação daquele empreendimento uma mal entendida de-

fesa de interesses particulares, contra ocupação de terras e corte de quintais. Por isso, quaisquer artérias que possam abrir-se no burgo camaralobense, sendo muito embora de utilidade para a sua urbanização, não suprirão a falta da Rua de Joaquim Pestana nem inutilizarão a sua iniciativa. Esta continuará em aberto, enquanto não se compreender que servir a Nação não é servir o particular, mas servir o comum.

Em 1901 anunciou o poeta a A. Xavier Cordeiro a intenção de publicar um livro intitulado *Espinhos e Flores*. Há referência a este título nalguns dos seus originais e na designação da Segunda Parte do manuscrito em que reunia grande número de suas produções. Este livro, porém, nunca apareceu, não obstante ter sido noticiado na imprensa da Madeira, de Portugal e do Brasil. O poeta a esse tempo já não tinha o «Botequim»; estava doente e sem recursos para custear a publicação de *Espinhos e Flores*.

Deixou no entanto grande cópia de poesias, publicadas umas, e outras originais, devidamente coordenadas para aquele fim, que existem na posse de quem escreve estas linhas.

Uma selecção cuidada destes trabalhos e dos dispersos em publicações periódicas, portuguesas e brasileiras, daria um apreciável volume para maior honra do poeta e da literatura madeirense. Fica a iniciativa para quando houver em Câmara de Lobos uma edilidade que, interessando-se por resgatar a memória do poeta do laconismo e lamentável esquecimento em que vive, lhe fizer justiça e o impuser à admiração dos seus conterrâneos, presentes e vindouros.

A valiosa obra deste destinto poeta, além dos inéditos, encontra-se esparsa nas seguintes publicações: *Almanaques de Lembranças Luso-Brasileiro*, das *Senhoras, Literário e Charadístico, Insulano, Literário Alagoano das Senhoras, da Madeira, Ilustrado*, de D. Luís I, no *Diário de Anúncios; Album Literário*, revista *Ramalhete do Cristão, Diário de Notícias* (Funchal) *Diário da Madeira, O Direito* (Funchal) *Diário do Comércio; A Lâmpada, Diário da Manhã, A Violeta, Progresso Católico e Diário de Anúncios da Ilha de S. Miguel*.

Residiu Joaquim Pestana numa casa, propriedade sua, encostada à face norte do adro da histórica Capela do Espírito Santo, no sítio deste nome, em Câmara de Lobos, dotada dum extenso e aprazível miradouro debruçado sobre a baía

e enfrentando a perspectiva ciclópica do Cabo Girão.

Por necessidades prementes da vida, vendeu o poeta este prédio em 1901, conforme o revelou em carta de 29 de Outubro do mesmo ano para o Rio de Janeiro: «...estou desanimado, creia, desta vida de tormentos... Já vendi o meu prédio do Espírito Santo [...]».

Após esta transação, mudou-se Joaquim Pestana para o sítio do Salto do Cavalo, freguesia de S. Martinho, a habitar uma casa modesta,

dum só pavimento, quase à margem sul da Estrada Monumental, alguns degraus abaixo do cotovelo denominado Volta dos Assentos, a oeste da Estrada do Gorgulho, onde faleceu a 6 de Fevereiro de 1909, com a idade de 65 anos, minado pela tuberculose. Recebeu a morte com uma resignação inconcebível, cheio duma profunda fé religiosa, duma grande conformidade com a vontade de Deus e confortado com os Sacramentos da Igreja. Dessa edificante confissão de fé e do local do seu passamento fomos testemunha ocular.

